

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 31, p. 1-14, jan.-dez. 2024 e-ISSN: 1980-3729   ISSN-L: 1415-0549</p>
<p><a href="https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2024.1.45778">https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2024.1.45778</a></p>	

SEÇÃO: CIBERCULTURA

## Formatação, visibilidade e exclusão de pessoas trans\* no Tinder

*Formatting, visibility, and exclusion of trans\* people on Tinder*

*Formateo, visibilidad y exclusión de personas trans\* en Tinder*

**André Luiz Martins**

**Lemos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9291-6494](https://orcid.org/0000-0001-9291-6494)  
[almlemos@gmail.com](mailto:almlemos@gmail.com)

**Amanda Nogueira de**

**Oliveira<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9673-8912](https://orcid.org/0000-0001-9673-8912)  
[amandanocontato@gmail.com](mailto:amandanocontato@gmail.com)

**Recebido em:** 25 fev. 2024.

**Aprovado em:** 17 ago. 2024.

**Publicado em:** 06 nov. 2024.

**Resumo:** Para criar um perfil no aplicativo de relacionamento Tinder, deve-se inserir nome, idade e informar a autoidentificação de gênero e orientação sexual. Esses dados (recursos mandatórios para a construção da identidade algorítmica do usuário) podem ser anonimizados nas informações do perfil. Ao mesmo tempo que aplicativos para encontros majoritariamente heterossexuais passaram a se adequar, oferecendo novas formas de identificação de gênero nesses formulários, pessoas trans\* continuaram sendo potenciais alvos da combinação entre misoginia e transfobia, vítimas da aplicação injusta ou descontextualizada de regras, termos de serviços e códigos de conduta. Formulários são instrumentos de formatação da informação, produzindo o que Koopman (2019) chama de "infopoder" e que cria uma "pessoa informacional". Esse artigo investiga o formulário de entrada do Tinder analisando o infopoder que se estabelece pela formatação dessa pessoa. Conclui-se que, ao obrigar a identificação, os formulários produzem um regime de visibilidade próprio que incide na exclusão de pessoas transgênero. É essa obrigação, esse infopoder, que produz a formatação da pessoa informacional visível (como "trans\*", no caso analisado). Isso gera perturbação, ampliando formas de denúncia, podendo chegar ao banimento, também administrado por outro formulário. O problema não é mais o da invisibilidade, mas o da visibilidade formatada no infopoder.

**Palavras-chave:** plataformas; gênero; materialidade; infopoder; formulários de dados.

**Abstract:** To create a profile on the Tinder dating app, one must input their name, age, and indicate their gender self-identification and sexual orientation. These data (mandatory resources for building the user's algorithmic identity) can be anonymized in the profile information. While dating apps predominantly aimed at heterosexual encounters have begun to adapt, offering new ways of gender identification in these forms, trans\* individuals continue to be potential targets of a combination of misogyny and transphobia, victims of the unfair or decontextualized application of rules, terms of service and codes of conduct. Forms are instruments of information formatting, producing what Koopman (2019) calls "infopower" and creating an "informational person." This article investigates the entry form of Tinder, analyzing the infopower established by formatting this person. It is concluded that by requiring identification, forms produce their own visibility regime that results in the exclusion of transgender people. It is this obligation, this infopower, that produces the formatting of the visible informational person (as "trans\*", in the case analyzed). This creates disturbance, expanding forms of denunciation, potentially leading to banning, also administered by another form. The problem is no longer one of invisibility, but of visibility formatted in infopower.

**Keywords:** platforms; gender; materiality; infopower; data forms.

**Resumen:** Para crear un perfil en la aplicación de citas Tinder, es necesario ingresar el nombre, la edad y proporcionar la autoidentificación de género y orientación sexual. Estos datos (recursos obligatorios para construir la identidad algorítmica del usuario) pueden ser anonimizados en la información del perfil. A medida que las aplicaciones de citas dirigidas principalmente a encuentros



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

heterossexuales han comenzado a adaptarse, ofreciendo nuevas formas de identificación de género en estos formularios, las personas trans\* continúan siendo potenciales objetivos de una combinación de misoginia y transfobia, víctimas de la aplicación injusta o mal contextualizada de reglas, términos de servicio y códigos de conducta. Los formularios son instrumentos de formateo de información, produciendo lo que Koopman (2019) llama "infopoder" y creando una "persona informacional". Este artículo investiga el formulario de ingreso de Tinder, analizando el infopoder que se establece mediante el formateo de esta persona. Se concluye que, al obligar a la identificación, los formularios producen un régimen de visibilidad propio que incide en la exclusión de personas transgénero. Es esta obligación, este infopoder, lo que produce el formateo de la persona informacional visible (como "trans\*", en el caso analizado). Esto genera perturbación, ampliando formas de denuncia, pudiendo llegar al baneo, también administrado por otro formulario. El problema ya no es la invisibilidad, sino la visibilidad formateada en el infopoder.

**Palabras clave:** plataformas; género; materialidad; infopoder; formularios de datos.

## Introdução

Quando a *influencer* trans Romagaga, em julho de 2020, deparou-se com a informação de que sua conta havia sido apagada do Tinder, uma das suas primeiras reações foi publicar um desabafo em vídeo<sup>2</sup> no Twitter – hoje X – e no Instagram. Os vídeos tiveram significativa repercussão com compartilhamentos e respostas à publicação. Não por acaso, o período em que esta situação aconteceu é significativo para o mote destes questionamentos. O mês anterior, junho, é reconhecido como o "Mês do Orgulho" no Brasil, período em que a comunidade realiza uma série de atividades com o objetivo de visibilizar pautas LGBTI+<sup>3</sup>, como a já conhecida Parada pela Diversidade, promovida, em diferentes estados e municípios, por uma série de instituições da sociedade civil, com ou sem apoios governamentais. Foi em meio a este contexto que o Tinder lançou um novo formulário de entrada de dados para o

aplicativo no Brasil, substituindo o anterior mais restritivo e binário (Alves, 2020), visando garantir acessibilidade a pessoas trans\*.<sup>4</sup>

Em 2014, o Facebook, nos Estados Unidos, atualizou seu formulário de identificação no intuito de expandir as possibilidades de gênero, que antes eram apenas duas – "feminino" e "masculino" –, para 58 alternativas. Com essa transformação, pessoas que antes não tinham seu gênero reconhecido, e que chegavam até a serem banidas pela plataforma, passaram a contar com uma nova estratégia de visibilidade. Estratégia essa que passou a regular o *design* do Facebook e que se tornou uma fissura sem retorno para possibilidades não binárias em plataformas (Bivens, 2017), ou seja, tornou-se um recurso obrigatório para outras plataformas e, por isso, fez com que elas se adequassem a essa novidade naquele período. A partir daí, todas as plataformas precisaram orientar seus formulários de entrada a diferentes identificações de gênero para não sofrerem questionamentos a esse aspecto.

Criados para encontros majoritariamente heterossexuais, aplicativos de relacionamento foram constantemente ajustados a fim de que se transformassem em ambientes mais acolhedores para a participação do público LGBTI+, já que especialmente pessoas trans\* eram sinalizadas pelas plataformas. Em resposta a questionamentos sobre esses banimentos, ora as empresas admitiam que os aplicativos realmente não estavam preparados<sup>5</sup>, ora afirmavam que estavam trabalhando para sanar quaisquer equívocos envolvendo pessoas transgénero (Iguar, 2019). Analisamos em outro artigo (Lemos; Oliveira, 2023), a ferramenta de denúncia do Tinder. Através desta, pessoas trans\*, especialmente mulheres, são banidas a partir da prática frequente de denúncia.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://twitter.com/RomagagaGuidini/status/1282179708583641088>. Acesso em: 6 fev. 2024. Somente no Twitter, o primeiro vídeo publicado, até o momento de produção deste texto, contava com mais de dez mil compartilhamentos, com ou sem comentário, e quase 30 mil curtidas. Outros relatos como o da *influencer* podem ser observados nos comentários dos vídeos publicados.

<sup>3</sup> Para esta pesquisa, utiliza-se o termo LGBTI+ consenso entre os movimentos sociais até o momento e segundo o Manual de Comunicação LGBTI+, elaborado pela Aliança Nacional LGBTI+ e GayLatino, com participação de diversas associações, organizações, coletivos e indivíduos engajados na defesa dos direitos das pessoas LGBTI+ e dos direitos humanos de uma forma geral. O manual pode ser acessado on-line. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2024.

<sup>4</sup> O asterisco amplia o sentido do termo "trans" ao representar a diversidade que ele materializa e como uma forma de questionar a certeza de um tipo de representação unívoca abrindo possibilidades para novas categorizações (Halberstam, 2023).

<sup>5</sup> Disponível em: [tinderpressroom.com/taking-care-of-everyone-in-our-community](https://tinderpressroom.com/taking-care-of-everyone-in-our-community). Acesso em: 6 fev. 2024.

Agora, neste artigo, apontamos para como os formulários, como infopoder de formatação, constituídos algoritmicamente por meio das interfaces desses tipos de aplicativos, dão visibilidade e, ao mesmo tempo, alimentam o impulsionamento dessa prática violenta (denúncia). Consideramos essa uma prática de "violência algorítmica" (Bellanova *et al.*, 2021), ocasionada por sistemas híbridos (humano-plataforma) que produzem formas específicas, como discriminações, ataques ou interrupção de uso, podendo alimentar e sustentar esses atos, redefinindo como as pessoas utilizam esses sistemas.

No caso das pessoas trans\*, a criação de formulários que possibilitem sua visibilidade traz consequências positivas, como o acolhimento de sua identificação na entrada da plataforma e o sentimento de empoderamento resultante da implementação de uma demanda da própria comunidade. No entanto, como mostraremos nesse artigo, também existem riscos. No âmbito das plataformas, pessoas trans\* continuam sendo potenciais alvos da combinação entre misoginia e transfobia, sofrendo assédio e, muitas vezes, sendo vítimas da aplicação injusta ou descontextualizada de regras, termos de serviços e códigos de conduta (Devito, 2022).

As plataformas constroem estrategicamente, com base nos dados ofertados pelas próprias pessoas usuárias e, muitas vezes, até de forma "passivo-agressiva" (Berry, 2012), diferentes perfis coerentes com o sistema da aplicação. Esses perfis resultam de uma combinação de processos humanos e algorítmicos muitas vezes opacos (Pasquale, 2015), mas também possíveis de serem rastreados (Amoore, 2020; Bucher, 2018) a partir da análise cruzada de diferentes informações disponibilizadas por essas plataformas. Aliás, essa opacidade decorre, em parte, porque as pessoas usuárias e seus dados comportamentais são vistos como "produtos" que auxiliam a manutenção e a confecção de novos serviços lucrativos para estas empresas, ao mesmo tempo que as desobrigam de explicar o que fazem com

esses dados (Dijck; Poell; Waal, 2018).

A construção de uma coerente identificação de gênero ou orientação sexual como padrão de funcionamento de plataformas, que orienta seus modelos de negócios, especialmente no caso de aplicativos de relacionamento, serve para o endereçamento de recursos, ferramentas e usabilidades entre alternativas material-discursivas e *affordances*. Isso tem como objetivo, entre outras razões, não somente de construir a fidelização deste usuário a este ambiente, mas principalmente de criar um perfil gerado pelo híbrido entre os dados coletados e os mecanismos algorítmicos de leitura da performance dessas pessoas.

Temos aqui o estabelecimento do que Colin Koopman (2019) chama de infopoder (*infopower*) que se materializa a partir de instrumentos de formatação como formulários, fichas, índices, manuais etc. Para o autor (2019, p. 12, tradução nossa), "[...] o infopoder é exercido por meio desse trabalho cotidiano de formatação. Um argumento central deste livro é que a informação é um exercício de poder por meio do trabalho de seus formatos variados e flexíveis"<sup>6</sup>. Os formulários de entrada de dados nas plataformas de relacionamento instauram um infopoder que pode reforçar estereótipos, reduzir a diversidade a uma lógica binária e instituir a violência a partir da visibilidade e da invisibilidade dos indivíduos.

Para criar um perfil em um aplicativo de relacionamento, deve-se inserir os dados convencionais de inscrição, como nome e idade, bem como informar sua autoidentificação de gênero e orientação sexual. Esses dados podem ser anonimizados, mas figuram como recursos mandatórios para a construção da "identidade algorítmica" (Cheney-Lippold, 2017) da pessoa usuária. Cheney-Lippold (2017) sustenta que essa identidade é definida por quem utiliza essas plataformas e por um emaranhado de experiências algorítmicas decididas por equipes de programação, anunciantes, profissionais de marketing, decisões legais e governamentais, entre outros

<sup>6</sup> Do original: [...] infopower is exercised through this quotidian work of formatting. A central argument of this book is that information is an exercise of power through the work of its varied and flexible formats.

elementos, em que camadas e mais camadas são produzidas para construir uma identidade performada de forma híbrida nesses ecossistemas. Essa forma de agenciamento híbrido está presente em todos os aspectos da cultura digital pela dataficação, plataformização e performatividade algorítmica (Lemos, 2021).

Koopman (2019) vai além do que defende Cheney-Lippold (2017) sobre a constituição de "identidades algorítmicas". Ele explica que somos muitas coisas, mas somos certamente e pragmaticamente constituídos pelos nossos dados. O "nosso" aqui refere-se aos dados que fornecemos ou são, sem que saibamos, e que estão vinculados à nossa *persona* de dados. Isso tem implicação na forma como agimos coletivamente, mas também na discussão sobre privacidade (Lemos, 2022). Pelos diversos processos de formatação dos dados a nós atribuídos somos transformados em "pessoas informacionais", regidos pelo "infopoder" que emana da formatação. Estamos envolvidos diariamente com esse infopoder, tendo que preencher cadastros e fichas de inscrição, *captchas* e interfaces de entrada em sistemas, sendo obrigados a nos adequarmos a tutoriais e manuais de uso etc. Esse infopoder, segundo Koopman, é próprio da formatação e não pode ser reduzido a outras formas específicas como o poder disciplinar e o biopoder, discutidos por Foucault. Ou seja, "infopoder" é o que produz a informação e não o contrário. Como afirma Koopman (2019, p. 12, tradução nossa), "a formatação técnica é um ato de poder que prende seus sujeitos a seus dados"<sup>7</sup>. No caso dos aplicativos de relacionamento, é possível dialogar a partir desta percepção especialmente quando compreendemos que são nossos dados, relativos à idade, formas de nomeação, identificação de gênero e sexualidade, entre outros, que sustentam o funcionamento dessas plataformas e as produzem.

Este artigo tem por argumento central que a materialidade dos formulários de coleta de dados engendra um infopoder nas plataformas digitais produzindo, no caso do aplicativo de relaciona-

mento a partir do qual produzimos esse artigo, o Tinder, exclusão por visibilidade de pessoas trans\* através da conformação algorítmica-performativa de gênero (Barad, 2017). Guiados pela análise dos formulários de entrada do aplicativo, analisamos a produção da pessoa informacional e do infopoder exercido sobre todos, sendo particularmente violento para as pessoas dissidentes de gênero.

Para descrição da constituição deste "infopoder", usamos procedimentos metodológicos organizados no Lab404 (Lemos, 2020, 2021), que adotam perspectivas neomaterialistas baseadas na Teoria Ator-Rede (Latour, 2012), no método passo a passo de análise de aplicativos (Light; Burgess; Duguay, 2018) e na dinâmica do "infopoder" (Koopman, 2019). Investigamos, portanto, o modo como este objeto infocomunicacional (os formulários de entrada de dados) opera a partir do que ele faz no que se refere às negociações de gênero e sexualidades produzidas e administradas pelo aplicativo. Para isso, casos envolvendo pessoas trans\* foram analisados, seguido de uma descrição detalhada da interface do aplicativo, dos formulários, dos termos de serviços, regras de comunidade e dos documentos oficiais disponibilizados pelo Tinder. Essa metodologia permite colocar em discussão a lógica de formatação na atual cultura digital, sendo uma contribuição aos estudos de plataforma, cultura algorítmica e gênero. Esse artigo amplia uma discussão já iniciada (Lemos; Oliveira, 2023).

### Formulários "Mais Gêneros" e Orientações Sexuais do Tinder

Para esta investigação, estabeleceu-se um conjunto de códigos relativo às categorias gênero e sexualidade e utilizamos o *software* de análise qualitativa [ATLAS.ti](https://atlas.ti.com/) para identificar como cada código se expressava nos documentos. Foram estabelecidos 17 códigos: 1) Diversidade; 2) Feminino; 3) Gênero; 4) Homem; 5) Homem cis; 6) Homem trans; 7) Inclusão; 8) LGBT; 9) Mais Gêneros; 10) Masculino; 11) Mulher; 12) Mulher cis; 13) Mulher trans; 14) Orientação sexual; 15) Sexo/

<sup>7</sup> Do original: Technical formatting is an act of power that fastens its subjects to their data.

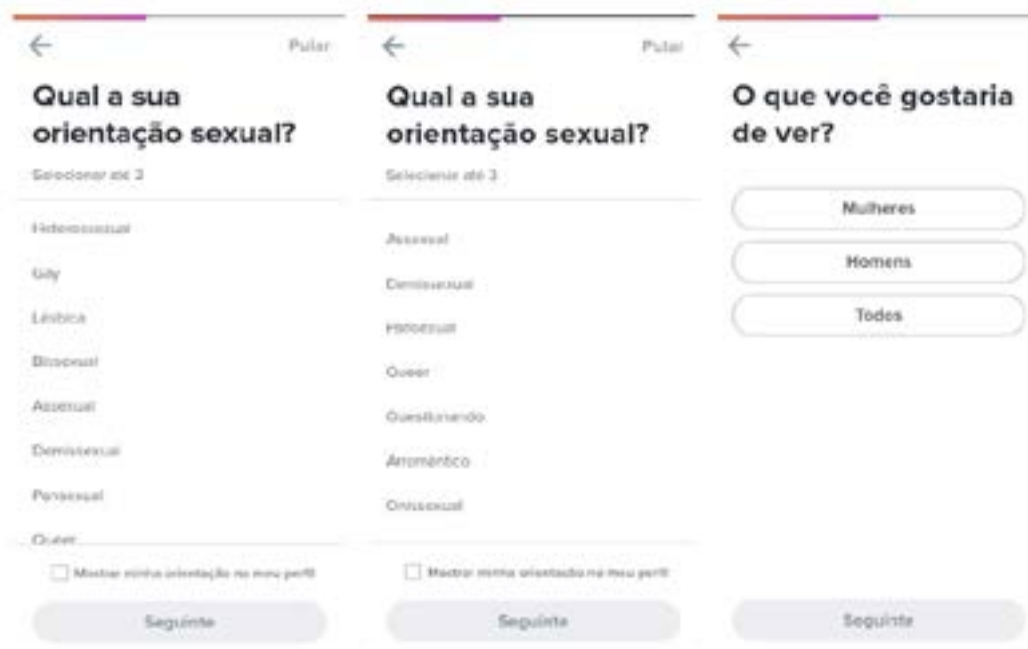
Sexualidade; 16) Transexual; e 17) Transgênero. Ao todo, foram analisados oito documentos relativos a termos de serviço e regras de comunidade e 117 relativos aos oficiais disponibilizados na sala de imprensa, além da descrição detalhada da interface e do formulário, a partir de dados coletados em agosto de 2023. A descrição da interface é relativa à versão do Tinder, também de agosto de 2023, disponibilizada para sistemas Android por meio da loja Google Play, por ser a versão mais utilizada no país.

Lançado em 2012 e utilizado, em um primeiro momento, em um campus universitário<sup>8</sup>, o Tinder surgiu em um cenário em que aplicativos e sites de relacionamento já eram bastante conhecidos, tais como Badoo<sup>9</sup>, criado em 2006, e Grindr<sup>10</sup>, em 2009. Mesmo que o Grindr, aplicativo voltado para o público homossexual masculino, tenha sido o primeiro aplicativo de relacionamentos a utilizar sistema de localização (Menon, 2022) para facilitar a conexão entre suas pessoas usuárias,

foi com o Tinder que esse tipo de usabilidade ganhou evidência. O aplicativo sugere um tipo de configuração padrão em que é possível aumentar ou diminuir o alcance da visualização de seu perfil. A amplitude aumenta quando as pessoas usuárias pagam por pacotes e serviços disponibilizados pela própria plataforma.

Hoje, como aponta o próprio site, o Tinder é o aplicativo mais popular do mundo para conhecer pessoas novas.<sup>11</sup> Até 2023, o Tinder já havia sido baixado mais de 530 milhões de vezes, disponibilizado em 190 países e em mais de 40 idiomas. Ao todo, já são mais de 75 bilhões de *matches* (quando há uma combinação entre perfis) em todo o mundo e 4,2 milhões de GIF usadas por semana. Mais de 50% do total de participantes tem idade entre 18 e 25 anos. O recurso do formulário "Mais Gêneros", disponibilizado pela plataforma no Brasil em 2020, já levou a mais de 145 milhões de *matches* novos até agora. Seguem as imagens do formulário (figuras 1 e 2) em análise.

**Figura 1** – Imagens do formulário "Mais Gêneros" para o Brasil (capturas de tela).



**Fonte:** Tinder (2023)

<sup>8</sup> Informações disponíveis em: <https://www.help.tinder.com/hc/pt-br/articles/115004647686-Vis%C3%A3o-geral-do-Tinder>. Acesso em: 6 fev. 2024.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://badoo.com>. Acesso em: 6 fev. 2024.

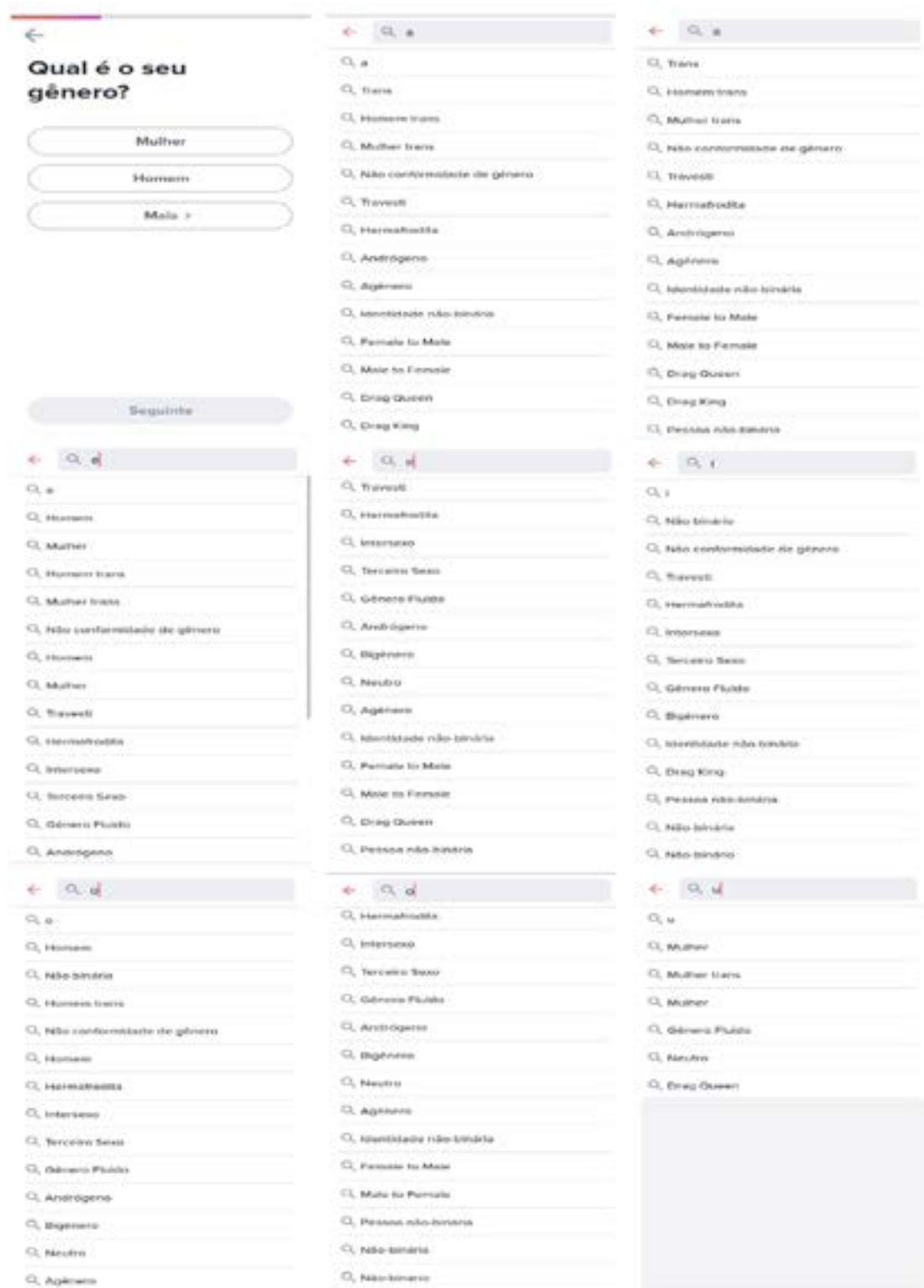
<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.grindr.com>. Acesso em: 6 fev. 2024.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://br.tinderpressroom.com/about/>. Acesso em: 6 fev. 2024.

O "Mais Gêneros" é um formulário integrado às estratégias dataficadas do aplicativo oferecendo uma grande quantidade de possibilidades de

autoidentificação de gênero. Além dele existe também o formulário de orientações sexuais e que, ainda em 2023, oferecia até onze tipos.

**Figura 2** – Tipos de orientação sexual e tela de seleção de gêneros para possíveis matches (capturas de tela).



Fonte: Tinder (2023).

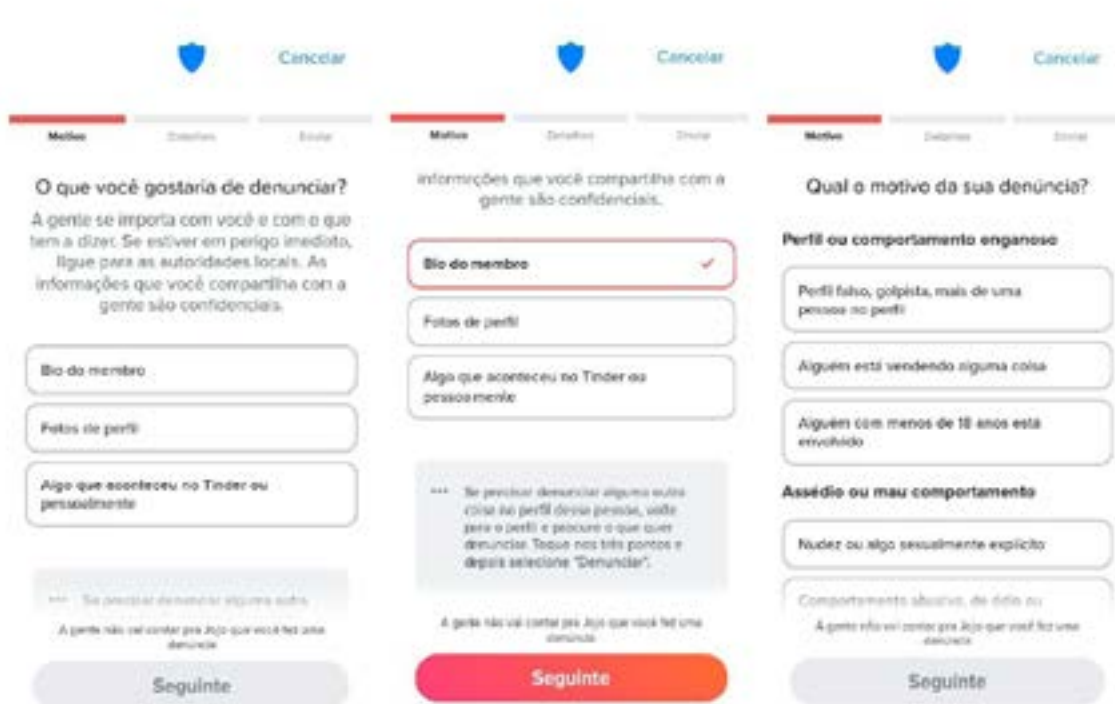
Esses formulários modificaram inteiramente a interface de entrada do aplicativo para o usuário, assim como promoveram uma mudança nas regras de comunidade da plataforma ao longo do tempo. No rodapé da página de apresentação do aplicativo, essas informações estão bem evidentes, destacando a preparação do Tinder para acolher relações homoafetivas.

Vamos mandar a real, o cenário de encontros está diferente hoje e a maioria das pessoas

estão se conhecendo online. Com o Tinder, o app gratuito mais popular do mundo, você tem acesso a milhões de solteiros, na palma da sua mão, que estão loucos para paquerar e conhecer alguém como você. Não importa se você é hétero ou membro da comunidade LGBTQIA, o Tinder existe para te ajudar a encontrar Matches perto de você.<sup>12</sup>

Essas transformações foram acompanhadas também de alterações em outro recurso que passou a ter bastante relevância por seu caráter de moderação: o formulário de denúncias (Figura 3).

Figura 3 – Telas iniciais do formulário de denúncias (capturas de tela).



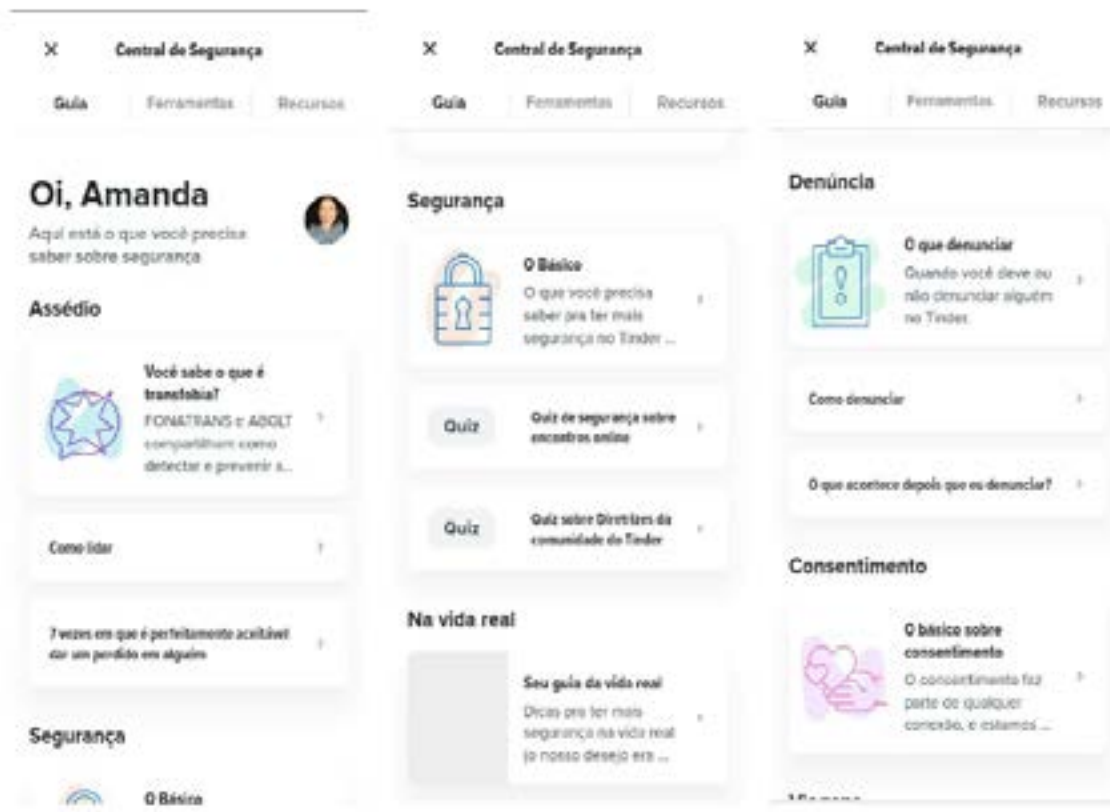
Fonte: Tinder (2023).

Foi possível identificar um padrão de reclamações generalizadas, especialmente entre o público trans\*, sobre o formulário de entrada das plataformas. Isso engendrou modificações a médio prazo, questionamentos acerca da forma de moderação ou necessidade de ajustes algorítmicos nos formulários de denúncia, como identificamos em outro artigo (Lemos; Oliveira,

2023). Essas reclamações fizeram com que a plataforma alterasse esses mecanismos ao longo do tempo, levando até a construção, pelo menos no Tinder, de uma "Central de Segurança" (Figura 4), com o intuito tanto de manter as pessoas usuárias informadas sobre recursos de segurança do aplicativo como apresentar organizações que atuam na prevenção.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://tinder.com>. Acesso em: 6 fev. 2024.

Figura 4 – Central de Segurança (capturas de tela).



Fonte: Tinder (2023).

Essas alterações do Tinder e de outras plataformas de relacionamento, adequando-se ao "espírito do tempo", não impediram que elas permanecessem sendo alvo de indagações (Lunardi, 2022). Isso aponta para a possibilidade de questionamento sobre a parceria amigável que a plataforma vem tentando manter com os públicos LGBTI+. Indaga-se se as soluções de plataformas criadas pelo aplicativo em parceria com diferentes associações e movimentos sociais sustentaria efetivamente a entrada e a permanência de pessoas trans\*. Vejamos no caso do Tinder.

### Formulários em discussão

Para criar um perfil no Tinder (Figura 1), é necessário que a pessoa primeiro submeta seu nome e data de nascimento. Na sequência, ela tem acesso à seção de submissão dos dados de

autoidentificação de gênero. Diferentemente da seção de orientações sexuais, a seleção de gênero é obrigatória para a continuidade do processo. Começa com a pergunta "Qual é o seu gênero?" com as possíveis respostas disponibilizadas por meio dos botões: "Mulher", "Homem" e "Mais >". Ao clicar em "Mais >", a pessoa é apresentada a uma outra aba em que pode escrever a auto-identificação de gênero que acreditar ser a mais adequada para o seu caso, como pode ser visto nas imagens anteriores.

São apresentadas, no contexto brasileiro, 26 designações propostas pela plataforma, que são: Trans, Homem, Mulher, Homem trans, Mulher trans, Não binário, Não conformidade de gênero, Travesti, Hermafrodita, Intersexo, Terceiro Sexo, Gênero Fluido, Andrógeno, Bigênero, Neutro, Agênero, Identidade não binária, Female to Male, Male to Female, Drag Queen, Drag King, Pessoa



não binária, Não binário, Não binária. Nesta lista, também está disponível a designação "Mulher" e "Homem", o que acaba sendo coerente porque, independentemente de estas duas já estarem representadas na primeira tela, são também possíveis tipos de identificações.

No entanto, percebe-se uma hierarquização dos tipos de identificação de gênero mais adequados ao aplicativo. É possível observar, logo de entrada, que a interface apresenta, em primeiro lugar, o binário. Essa orientação básica inicial demonstra a possível existência de um viés de orientação dos mecanismos algorítmicos de cruzamento desses dados sensíveis. Como a plataforma propõe um formulário mais diverso a partir de um botão disponibilizado logo abaixo desse clássico binário, questiona-se o motivo de ele não ser configurado como porta de entrada agregando as identificações "Mulher" e "Homem". Seria coerente, tendo em vista o reforço contínuo de uma pauta de agregação de diferentes identificações promovido pelo aplicativo, que o Tinder situasse apenas um botão "guarda-chuva", ao invés da orientação clássica exposta na primeira imagem da Figura 1.

Após clicar no botão "guarda-chuva" "Mais >", a pessoa pode selecionar a identificação que melhor corresponde ao seu gênero. Isso também é possível identificar quanto à orientação sexual, que oferece uma lista de sugestões como respostas à pergunta "Qual a sua orientação sexual", como observado em imagens anteriores (Figura 2). O Tinder não deixa que a pessoa escreva identificação própria e isso, acredita-se, tem relação com a própria dinâmica algorítmica do aplicativo, que precisa de dados formatados de maneira específica para gerenciar seus recursos.

Após selecionar a identidade de gênero compatível com a sua identificação, a pessoa é levada à aba seguinte: "Qual a sua orientação sexual?". Cada usuário poderá selecionar até três tipos em meio às denominações disponíveis pela plataforma, que são: Heterossexual, Gay, Lésbica, Bissexual, Assexual, Demissexual, Pansexual,

Queer, Questionando, Arromântico e Onissexual. E, em seguida, o aplicativo pergunta "O que você gostaria de ver?", com as opções: "Mulheres", "Homens" e "Todos".

O campo de seleção de tipos de orientação sexual não é obrigatório, sendo permitido pular essa informação. Segundo a plataforma, porém, esses dados são utilizados para apresentar potenciais *matches*. Eles estruturam a dinâmica de orientação da lista de perfis gerada pela plataforma e, em comparação com a identidade de gênero, é a orientação sexual que produz quais tipos de perfis estão aptos a serem apresentados no seu *feed*, ou menu "Descoberta" (menu de apresentação de perfis para combinações). De acordo com o próprio aplicativo,<sup>13</sup> quanto mais informações sobre sua identidade de gênero forem informadas, mais calibradas estarão as configurações do "Descoberta" da plataforma. Quanto a essas configurações o Tinder destaca:

No Tinder, todo mundo é bem-vindo. As configurações Discovery mostram usuários que incluem mais informações sobre sua identidade de gênero. Assim que os usuários adicionarem as informações sobre seu gênero, eles poderão selecionar o que ficará à mostra nas pesquisas, para que essas reflitam sua identidade da melhor forma.

Diferente do campo de orientação sexual, é necessário que a pessoa permaneça ao menos com uma designação de identificação de gênero. Tanto a identificação de gênero como a(s) de orientação sexual pode(m) ser alterada(s) a qualquer tempo durante o uso do aplicativo, e ambas podem ser disponibilizadas, ou não, como informação pública no perfil.

O padrão binário também é possível de ser observado quanto aos tipos de identificação de gênero que o aplicativo propõe para possíveis combinações. A pessoa escolhe "Mulheres", "Homens" ou "Todos" como resposta à pergunta: "O que você gostaria de ver?". Chama a atenção que essas opções estejam no plural, o que sugeriria, por parte do aplicativo, ou uma orientação não conformista de gênero, que considerasse "cis" e

<sup>13</sup> Disponível em <https://br.tinderpressroom.com/Tinder-anuncia-chegada-das-features-identidade-de-Generos-e-Orientacoes-Sexuais-ao-Brasil>. Acesso em: 6 fev. 2024.

"trans" como possíveis de representação a partir dos botões binários, ou simplesmente como estratégia de *affordance* onde situa os botões como orientação para as designações, no plural, do padrão binário universal.

O aplicativo informou, em artigo<sup>14</sup> na sala de imprensa, que optou por não aplicar a possibilidade de excluir pessoas trans\* da seleção de identidades de gênero para o menu "Descoberta". No entanto, ao situar "Mulheres", "Homens" ou "Todos", não deixa evidente se diferencia, por exemplo, "Mulheres Cis" ou "Mulheres Trans", como resultado para o primeiro botão binário. A plataforma insere todas as pessoas no botão "guarda-chuva"? Ou apenas aquelas que se classificam de forma não binária?

A título de explicação, hoje há a possibilidade de utilização, por exemplo, das designações "Mulher cis" e "Homem cis" para identificação de mulheres e homens que agem de acordo com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento. "Mulher trans" e "Homem trans" são designações utilizadas por pessoas que não se sentiram contempladas por aquela designação compulsória inicial (Bagagli, 2018) e, ao longo da vida, continuaram utilizando o binário, porém, com designação coerente com sua identificação. A designação "cis" é creditada à bióloga Dana Leland Defosse, "que o trouxe da biologia molecular para descrever os processos químicos que ocorrem em uma mesma molécula [...], para se referir a grupos orgânicos substituintes que se orientam na mesma direção" (Silva, 2023, p. 29). A partir daí, Defosse teria percebido o potencial designativo do termo "cisénero", sendo hoje amplamente utilizado entre estudiosos feministas, por mais

que ainda seja bastante questionado quando não reconhecido como conceito e, até mesmo, acusado de "ativismo identitário" (Miskolci, 2021).

Para este artigo, considera-se, de acordo com Bagagli (2018), que os termos "cis" e "trans" mantêm uma relação de antonímia (Silva, 2023) e que são conceitos em construção, sendo o termo "cis" uma forma de descrição generificada universalizadora. No caso do Tinder, quando a plataforma insere as opções "Mulheres" e "Homens" não deixa claro qual o tipo de referência, se "cis", se "trans", se "todos/as". Nesse sentido, pessoas trans\* também poderiam selecionar estes botões relativos a essa identificação binária de gênero e não necessariamente expor outra informação em seu perfil, correspondendo ao regime de visibilidade construído pela própria plataforma e que dá margem a diversas utilizações dos botões disponibilizados.

A dinâmica do *match* constituída pela plataforma é orientada também por um regime próprio de visibilidade. Ela depende basicamente da estruturação do perfil da pessoa, que leva em consideração fatores híbridos, como o tempo de utilização do aplicativo, a distância, se o perfil agrega informações motivadoras para curtida (especialmente materializada pelas fotos do perfil), os interesses apresentados por meio de temáticas a serem escolhidas entre as que o próprio aplicativo apresenta, inclusive a autoidentificação de gênero exposta ou não, entre outros elementos. O Tinder chega a explicar que a plataforma prioriza perfis ativos, ou seja, que utilizem frequentemente a plataforma.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Disponível em: <https://br.tinderpressroom.com/taking-care-of-everyone-in-our-community>. Acesso em: 6 fev. 2024.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://br.tinderpressroom.com/powering-tinder-r-the-method-behind-our-matching>. Acesso em: 6 fev. 2024.

**Figura 5** – Resumo das regras de comunidade em agosto de 2023 (captura de tela).



**Fonte:** Tinder (2023).

Quanto às orientações básicas das regras de comunidade, apresentadas logo no início da utilização do aplicativo (Figura 5), é cobrado que as informações pessoais inseridas, ou seja, seus dados sensíveis, sejam verdadeiros. Este comunicado inicial não é apenas uma orientação, mas um regramento que deve ser aceito para que a pessoa consiga efetivamente adentrar a ambiência (Gillespie, 2018). E a indicação de que qualquer mau comportamento deve ser apontado institui uma prática que orienta muitos dos questionamentos de pessoas trans\* que se sentem violadas por não conseguirem permanecer no aplicativo: a denúncia.

Esse tipo de situação já foi exposto algumas vezes por mulheres trans logo depois que o aplicativo atualizou seu formulário de identificação (Tierney, 2017; Vincent, 2016). Nos Estados Unidos,

por exemplo, Tahlia Rene (Rearick, 2017) foi uma das que reclamaram bastante por ter seu perfil banido várias vezes da plataforma. Após ter sua história retratada publicamente (Mulkerin, 2017), ela conseguiu dialogar com o cofundador do Tinder à época, Jonathan Badeen, para que seu perfil fosse ativado na plataforma. Ele sugeriu que ela deixasse sua identificação pública desativada para que não sofresse com banimentos.<sup>16</sup> O que demonstra, pelo menos naquele período, que o aplicativo não estaria colaborando para que a identificação de seu gênero na plataforma fosse realizada de forma transparente.

Observa-se que a forma como a pessoa se nomeia é estruturante para a existência do perfil, já que é informação obrigatória. Entretanto, parece não haver impedimento material para que as pessoas usuárias falseiem essa informação.

<sup>16</sup> Disponível em: [https://web.archive.org/web/20190407131559/https://twitter.com/Tahlia\\_Rene/status/937443634164781056](https://web.archive.org/web/20190407131559/https://twitter.com/Tahlia_Rene/status/937443634164781056). Acesso em: 6 fev. 2024.

Há apenas a orientação "Seja você mesmo!", na tela de início, em que o Tinder sugere ao usuário que se certifique de que suas informações sejam verdadeiras e a alternativa de denúncia, caso outras pessoas identifiquem discrepâncias ou falseamentos.

Embora, entre todos os documentos analisados, o Tinder não se posicione diretamente se haveria alguma punição a membros que assumam outra identidade nessa ambiência, há apenas um texto,<sup>17</sup> na sala de imprensa, que recomenda às pessoas usuárias que se não se sentirem atraídas por um perfil apresentado pelo Tinder, que simplesmente arrastem o perfil para a esquerda – que não curtam o perfil – e sigam em frente recebendo novas sugestões da plataforma. Também neste texto, a empresa até reconhece que "as pessoas cometem erros e, em alguns casos, serão emitidos avisos, em vez de uma remoção imediata do aplicativo". No entanto, esse possível "erro" descrito pela plataforma se refere diretamente a pessoas que foram banidas injustamente e não a quem provocou essa ação. Ou seja, a pessoa denunciada detém o erro. É ela que pode cometer o "erro" e ser mal interpretada. O Tinder não cita em sua documentação oficial a construção de uma política específica orientada a advertir ou, até mesmo, punir pessoas que denunciaram equivocadamente outro membro. A atenção se volta ao reparo dos danos causados e não a alertar as pessoas usuárias de que seus atos podem ter consequências prejudiciais.

De uma forma ou de outra, para o sistema, essa pessoa usuária é uma pessoa informacional formatada pelo formulário e performada algorítmicamente a partir das gramáticas de ação da plataforma. O infopoder age aqui, esteja a pessoa submetendo uma informação verdadeira ou falsa. O que interessa é que, pela sua formatação, ela será construída. O interessante é que essa construção, no caso de pessoas trans\*, vai gerar

um efeito de violência não pela sua invisibilidade, pois ela encontra como se formatar no formulário, mas pela visibilidade gerada pela ação do formulário e executada de forma violenta pelo mecanismo da denúncia (criado para ser um dispositivo protetivo).

### Considerações finais

O Tinder trabalhou intensamente nos últimos anos para criar e gerenciar novos mecanismos de plataforma para que o aplicativo se tornasse mais acessível ao público LGBTI+.<sup>18</sup> A interface foi toda reorientada a partir da disponibilização dos formulários de identidades de gêneros e orientações sexuais. Esses formulários são exemplos da dinâmica do "infopoder" apresentada neste artigo e eles continuam sendo a resposta oficial desta plataforma para os questionamentos sobre sua acessibilidade à comunidade trans\*. Aliás, os dados a eles concedidos estruturam as pessoas que ali se relacionam e não o contrário. Por mais que as transformações tenham evidenciado um compromisso da plataforma com seus diferentes públicos, e em diálogo com várias organizações que prestaram consultoria para que o aplicativo fosse atualizado, é possível ainda perceber o caráter binário com que tanto a identificação de gênero como a orientação sexual continuam sendo reforçadas pela interface do aplicativo, em especial, no que tange aos perfis com quem as pessoas querem se relacionar.

Contudo, o mais interessante como conclusão desta pesquisa é que o infopoder como formatação de uma pessoa informacional se confirma, sendo que o problema não é tanto do binarismo e da invisibilidade de pessoas trans, mas de visibilidade desta comunidade pelo processo de inclusão de dados em um formulário. A questão revelada por essa pesquisa não seria que o formulário ainda é binário. Isso é bem pouco relevante visto que ele acolhe uma pluralidade

<sup>17</sup> Disponível em: <https://br.tinderpressroom.com/tinder-atualiza-regras-da-comunidade-para-reforcar-autenticidade-respeito-e-inclusao>. Acesso em: 6 fev. 2024.

<sup>18</sup> Este público, segundo o Tinder, é o que mais cresce na plataforma, especialmente motivados pela implementação dos formulários de identidades de gênero e orientação sexual. Dados internos revelam que pessoas que se identificam como não binárias aumentaram 104% desde 2022. Ver <https://br.tinderpressroom.com/bem-vindos-ao-renascimento-dos-relacionamentos-motivado-pela-autenticidade>. Acesso em: 6 fev. 2024.

de designações de gênero. A questão seria, portanto, que o formulário incentiva a identificação, oferecendo a possibilidade de autoidentificação não binária. Esse incentivo, que chega a repercutir em uma possível obrigação de visibilidade, evidencia a dinâmica do infopoder, que produz uma formatação da pessoa informacional visível (como "trans\*", no caso analisado) permitindo que, ao ser vista, esta pessoa trans\* seja denunciada, podendo resultar no banimento.

Embora o aplicativo tenha gerido suas crises criando novos mecanismos de plataforma que evidenciem uma acessibilidade a públicos diversos, a orientação sobre proteção e prevenção de violências no âmbito desta plataforma ainda é bastante direcionada às potenciais vítimas. A denúncia assume um papel central, pois ela é a consequência da visibilidade da pessoa informacional produzida pela formatação do questionário de entrada de dados. Assim, o infopoder não produz invisibilização, como nos formulários totalmente binários, mas reafirma a sua ação sinuosa e persistente, pela própria visibilidade.

## Referências

- ALVES, Soraia. Tinder lança opções "Identidade de Gêneros" e "Orientações Sexuais" no Brasil. Bg, São Paulo, jun. 2020. Disponível em: <https://www.bg.com.br/128112/tinder-lanca-opcoes-identidade-de-generos-e-orientacoes-sexuais-no-brasil>. Acesso em: 9 nov. 2023.
- AMOORE, Louise. Cloud ethics: algorithms and the attributes of ourselves and others. Durham: Duke University Press, 2020.
- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. "Cisgênero" nos discursos feministas: uma palavra "tão defendida; tão atacada; tão pouco entendida". Campinas: lel - Unicamp, 2018.
- BARAD, K. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Vazantes, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 6-34, 2017.
- BELLANOVA, Rocco et al. Toward a Critique of Algorithmic Violence. International Political Sociology, London, v. 15, n. 1, p. 121-150, mar. 2021.
- BERRY, David M. Introduction: Understanding the digital humanities. In: BERRY, David M. (org.). Understanding digital humanities. London: Palgrave Macmillan, 2012. p. 1-20.
- BIVENS, Rena. The gender binary will not be deprogrammed: Ten years of coding gender on Facebook. New Media and Society, London, v. 19, n. 6, p. 880-898, 2017.
- BUCHER, Taina. If... Then: Algorithmic Power and Politics. New York: Oxford University Press, 2018.
- CHENEY-LIPPOLD, John. We Are Data: Algorithms and the Making of Our Digital Selves. New York: New York University Press, 2017.
- DEVITO, Michael Ann. How Transfeminine TikTok Creators Navigate the Algorithmic Trap of Visibility Via Folk Theorization. Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction, New York, v. 6, n. CSCW2, p. 1-31, 7 nov. 2022.
- DIJCK, José Van; POELL, Thomas; WAAL, Martijn De. The Platform Society. New York: Oxford University Press, 2018.
- GILLESPIE, Tarleton. Custodians of the Internet: platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media. New Haven, CT: Yale University Press, 2018.
- HALBERSTAM, J. Trans\*: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero. Salvador: Devires, 2023.
- IGUAL, Roberto. Tinder addresses complaints of transgender discrimination. Mambagirl News, Johannesburg, nov. 2019. Disponível em: <https://www.mambaonline.com/2019/11/13/tinder-addresses-complaints-of-transgender-discrimination>. Acesso em: 9 nov. 2023.
- KOOPMAN, Colin. How We Became Our Data: A Genealogy of the Informational Person. Chicago: The University of Chicago Press, 2019.
- LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.
- LEMONS, André. Dataficação da vida. Civitas, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 193-202, 2021.
- LEMONS, André. Epistemologia da Comunicação, Neomaterialismo e Cultura Digital. Galáxia, São Paulo, n. 43, p. 54-66, jan./abr. 2020.
- LEMONS, André. Privacidade e Infopoder. In: SANTAELLA, Lucia. (org.). Simbioses do Humano e Tecnologias. São Paulo: EdUSP, IEA-USP, 2022. p. 33-50.
- LEMONS, André; OLIVEIRA, Amanda. Banida por ser trans? Enviesamentos algorítmicos, plataformas e denúncia no Tinder. Comunicação & Sociedade, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 129-160, 2023.
- LIGHT, Ben; BURGESS, Jean; DUGUAY, Stefanie. The walkthrough method: An approach to the study of apps. New Media and Society, London, v. 20, n. 3, p. 881-900, 2018.
- LUNARDI, Augusta. Tinder faz campanha contra LGB-Tfobia, mas continua a banir perfis de pessoas trans. Agência Pública, São Paulo, maio. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/05/tinder-faz-campanha-contralgbtfobia-mas-continua-a-banir-perfis-de-pessoas-trans>. Acesso em: 9 nov. 2023.

MENON, Isabella. Em 10 anos, Tinder transformou paquera em jogo e deu mais poder às mulheres. Folha de S.Paulo, São Paulo, set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/em-10-anos-tinder-transformou-paquera-em-jogo-e-deu-mais-poder-as-mulheres.shtml>. Acesso em: 9 nov. 2023.

MISKOLCI, Richard. Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-mediatizadora. São Paulo: Autêntica Editora, 2021.

MULKERIN, Tim. A trans woman said she was banned from Tinder because of transphobic men — again. MIC, New York, dez. 2017. Disponível em: <https://www.mic.com/articles/186550/a-trans-woman-said-she-was-banned-from-tinder-because-of-transphobic-men-a-gain#.NRNF1ufUv>. Acesso em: 9 nov. 2023.

PASQUALE, Frank. The Black Box Society: The Secret Algorithms That Control Money and Information. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2015.

REARICK, Lauren. Transgender People Say They're Being Banned From Tinder. TeenVogue, New York, dez. 2017. Disponível em: <https://www.teenvogue.com/story/transgender-people-tinder-ban>. Acesso em: 9 nov. 2023.

SILVA, Mariah Rafaela. Zonas de ten(s)ão entre desejo e nojo: cisgeneridade como paradigma de subjetivação sexual. Salvador: Devires, 2023.

TIERNEY, Allison. Why Are Trans People Being Banned From Tinder? Vice, New York, dez. 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/xwvaaz/why-do-trans-people-keep-being-banned-from-tinder>. Acesso em: 9 nov. 2023.

VINCENT, Addison Rose. Does Tinder Have a Transphobia Problem? Huffpost, New York, mar. 2016. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/does-tinder-have-a-transp\\_b\\_9528554](https://www.huffpost.com/entry/does-tinder-have-a-transp_b_9528554). Acesso em: 9 nov. 2023.

---

### André Luiz Martins Lemos

Doutor em Sociologia pela Université René Descartes, Paris V, Sorbonne. Professor Titular da Faculdade de Comunicação (FACOM) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, BA, Brasil. Coordenador do Lab404. Pesquisador PQ-1A do CNPq. Grant CNPq 307448/2018-5.

---

### Amanda Nogueira de Oliveira

Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, CE, Brasil. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, BA, Brasil. Pesquisadora do Lab404.

---

### Endereço para correspondência

#### André Luiz Martins Lemos

R. Barão de Jeremoabo, s/n

Ondina, 40170-115

Salvador, BA, Brasil

#### Amanda Nogueira de Oliveira

R. Augusto Calheiros, 677

Barroso, 60863-290

Fortaleza, CE, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*